

SUMÁRIO DA PESQUISA

Mulheres e Homens jovens dialogando sobre Co-responsabilidade



Realização: Associação Frida Kahlo e UNFPA

SUMÁRIO DA PESQUISA

Mulheres e Homens jovens dialogando sobre Co-responsabilidade

1ª EDIÇÃO



Realização: Associação Frida Kahlo e UNFPA

BRASÍLIA - DF

2010

Copyright © UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas 2010

Coordenação da pesquisa

Associação Frida Kahlo, São Paulo
Instituto Patrícia Galvão, São Paulo
Perfil Urbano, São Paulo

Consultoria para a análise dos dados da pesquisa

Elcimar Dias Pereira

Elaboração e redação do sumário

Ana Regina Gagliardo Adeve e
Chindalena Ferreira Barbosa

Colaboração

Fernanda Grigolin Moraes
Fernanda Lopes
Jovens Feministas de São Paulo

Produção de arte

DUO Design

Supervisão editorial e revisão

Ulisses Lacava

Apoio UNFPA

Gabriela Borelli
Graziela Mello
Jennifer Gonçalves
Luciano Carvalho

Fotos

Solange Souza e Eduardo Tavares -
Banco de Imagens UNFPA Brasil

Realização

Associação Frida Kahlo

Parceria

UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas

1ª. Edição

Tiragem: 4.000 exemplares

Impressão: Gráfica Coronário

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra,
desde que citada a fonte.

Disponível on-line em formato PDF em: www.unfpa.org.br

Associação Frida Kahlo

Av. Vereador João de Luca, 41 - Campo Belo -
São Paulo, SP CEP: 04381-000
Telefone: (11) 2532-1466
Website: www.afrika.org.br

UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas

Endereço: EQSW 103/104, Bloco C, Lote 1, 2º andar
Setor Sudoeste - Brasília, DF CEP: 70670-350
Telefone: (61) 3038 9252 - Fax: (61) 3038 9269
E-mail: unfpa@unfpa.org.br
Website: www.unfpa.org.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Sumário da pesquisa : mulheres e homens jovens dialogando sobre co-responsabilidade / [elaboração Ana Regina Gagliardo Adeve e Chindalena Ferreira Barbosa]. -- Brasília : UNFPA-Fundo de População das Nações Unidas, 2010.

Vários colaboradores.

"Realização: Associação Frida Kahlo"

Bibliografia.

1. Educação sexual para a juventude 2. Juventude - Aspectos sociais 3. Juventude - Comportamento sexual
4. Juventude - Conduta de vida 5. Juventude - São Paulo (Cidade) 6. Juventude - Trabalho 7. Maternidade
8. Paternidade 9. Relações de gênero 10. Responsabilidade 11. Sexualidade I. Adeve, Ana Regina Gagliardo. II. Barbosa, Chindalena Ferreira.

ISBN 978-85-98579-09-2

10-08374

CDD-305.235072081611

Índices para catálogo sistemático:

1. São Paulo : Cidade : Juventude : Pesquisa : Sociologia 305.235072081611

INSTITUIÇÕES ORGANIZADORAS

Associação Frida Kahlo

A Associação Frida Kahlo é fruto da união de jovens advindas de diferentes espaços de atuação, mas com o objetivo comum de contribuir para o fortalecimento e empoderamento de jovens com enfoque nos temas de direitos humanos, raça/etnia, feminismos, gênero, direitos reprodutivos e sexuais. A co-responsabilidade entre mulheres e homens é um tema central no cotidiano da entidade. Trabalhamos para a disseminação deste debate, no intuito de contribuir para a consolidação de relações equânimes entre os diferentes atores sociais. Atualmente também desenvolvemos o projeto "*As Mulheres Negras têm história e as Jovens Negras estão aqui para contar*" com o apoio do Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo e Brazil Foundation.

Jovens Feministas de São Paulo

Jovens Feministas de São Paulo é um grupo coordenado por mulheres jovens, sem vínculo partidário ou religioso. Trabalha em conjunto com redes e articulações do Movimento Feminista, além de participar de diversos espaços de discussão sobre Juventude, Políticas Públicas e Direitos das Mulheres Jovens.

Fundo de População das Nações Unidas

O UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas, é o organismo da ONU responsável por questões populacionais. Trata-se de uma agência de cooperação internacional para o desenvolvimento que promove o direito de cada mulher, homem, jovem e criança a viver uma vida saudável, com igualdade de oportunidades para todos; apóia os países na utilização de dados sóciodemográficos para a formulação de políticas e programas de redução da pobreza; contribui para assegurar que todas as gestações sejam desejadas, todos os partos sejam seguros, todos os jovens fiquem livres do HIV/Aids e todas as meninas e mulheres sejam tratadas com dignidade e respeito.

Índice

Agradecimentos	7
Prefácio	8
Apresentação	9
Introdução e informações sobre a metodologia da pesquisa.....	11
1. Juventudes: como as e os jovens se vêm?.....	13
1.1 Juventude e trabalho	15
2. O que as e os jovens acham de “ficar”, de namorar, casar e ter filhos?	
E quais são os planos para o futuro?	19
2.1 Mulheres e homens jovens vivenciam da mesma forma a sexualidade?	23
2.2 Namoro ou amizade? Quem é pra ficar e quem é pra namorar?	24
2.3 Juventude e projetos de vida.....	29
3. Prazeres e responsabilidades compartilhados	33
3.1 Falando sobre masculinidade	33
3.2 Contracepção também é coisa de homem	36
3.3 Mas afinal, de quem é o poder de decidir?.....	38
3.4 Paternidade e maternidade na adolescência e juventude.....	40
4. Eu dialogo, você dialoga, nós compartilhamos!	43
4.1 Dialogando com a família.....	43
4.2 Dialogando com o seu parceiro ou parceira.....	46
4.3 Dialogando nos serviços de saúde.....	46
4.4 Dialogando sobre sexualidade na escola	48
5. Cuidados com a saúde e o receio de fazer teste anti-HIV	51
6. Como saber se a pessoa com quem você se relaciona adota práticas preventivas?	55

Agradecimentos

A realização da pesquisa “**Mulheres e Homens jovens dialogando sobre Co-responsabilidade**” contou com a parceria de muitas pessoas que contribuíram direta e indiretamente para o sucesso desse trabalho.

Agradecemos especial e carinhosamente a participação, entrega e entusiasmo das e dos jovens que conversaram, expuseram suas opiniões e agregaram idéias e valores às diferentes realidades durante os grupos de discussão.

Ao Instituto Patrícia Galvão, Perfil Urbano, Central de Apoio à Pesquisa e Clarisse Herzog pela parceria que nos permitiu coletar as informações tão importantes que agora dispomos.

Às moderadoras e moderadores dos grupos Ana de Sá e Paula Cabrini, Luciano Carlos Pereira e Carlos Kawassaki.

Ao João Quesado pela produção das imagens.

À Elcimar Dias que se dedicou à categorização e análise dos dados coletados durante os grupos de discussão e nos fez descobrir outras

perspectivas para o estabelecimento do diálogo com as e os jovens sobre sexualidade, juventude e co-responsabilidade.

À querida Fernanda Grigolin que participou da idealização e da realização da primeira etapa da pesquisa.

Ao UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas, por ter acreditado em nossa proposta, em nossas idéias e ideais, em especial Fernanda Lopes, Jennifer Gonçalves, Ângela Donini e Gabriela Borelli, que nos acompanharam com muita paciência e parceria em todas as etapas da pesquisa, ouvindo, sugerindo e buscando soluções em momentos difíceis, mas principalmente pelas revisões com críticas e sugestões sempre muito pertinentes e enriquecedoras.

A todas e todos os demais que direta ou indiretamente contribuíram e àquelas e àqueles que terão contato com os resultados de nossa construção coletiva. Esperamos corresponder, a contento, a confiança que nos foi depositada.

Prefácio

Mulheres e homens jovens são sujeitos de direitos e, como tal, devem ser reconhecidos e respeitados, independente de classe social, gênero, raça, etnia ou qualquer outro qualificador humano.

É importante definir princípios e processos que promovam e garantam os direitos reprodutivos e o exercício da sexualidade das e dos jovens. Porém, é ainda mais importante assegurar que elas e eles tenham acesso às informações e aos meios necessários para que o exercício seja seguro e para que a tomada de decisões reprodutivas seja livre e esclarecida. Para que se crie um ambiente propício à promoção deste bloco de direitos das e dos jovens é necessário que lhes sejam garantidos os direitos à educação em sexualidade, à informação correta e em linguagem adequada, o acesso aos serviços de saúde integral de qualidade e às ações em saúde sexual e reprodutiva equitativas, incluindo o planejamento familiar e a prevenção das DST/Aids.

Da mesma forma, o pleno exercício desses direitos só pode ser alcançado num contexto de relações mais igualitárias entre homens e mulheres, onde as atitudes e comportamentos discriminatórios sejam enfrentados e diri-

midos, onde não haja espaço para a violência de gênero e onde o respeito pelo outro e pela outra imperem, facilitando o diálogo que leva, entre outras coisas, ao sexo protegido.

Esta publicação, elaborada com o apoio do UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas, tem o objetivo de contribuir com esse processo de construção de um ambiente favorável ao reconhecimento, promoção e efetivação dos direitos da população jovem, fomentando de um lado a reflexão com as próprias jovens e com os próprios jovens, sujeitos de direitos; e de outro junto aos detentores de deveres, normalmente adultos, que lideram as instituições privadas, governamentais, não-governamentais, religiosas, os movimentos sociais e os organismos internacionais – para que estejam abertos a acolher as opiniões, demandas e expectativas das e dos jovens e aptos a trabalhar para incluí-las e incluí-los nos processos com vistas a dar respostas mais adequadas e sustentáveis.

Uma discussão construída a partir das experiências de mulheres e homens jovens de São Paulo que indica caminhos possíveis para a co-responsabilização em sexualidade e reprodução e também para um diálogo mais efetivo entre gerações.

Harold Robinson

**Representante do UNFPA no Brasil e
Diretor na Argentina e Paraguai**

Apresentação

Vivência e sonhos permeiam nossas escolhas, nossas trocas e o nosso modo de entender o mundo. Em poucas palavras gostaríamos de apresentar algumas considerações sobre um instigante projeto feito de sonhos, poesias, sexualidade e escolhas, que versa sobre juventudes, direitos sexuais e direitos reprodutivos, relações de gênero e raciais.

Nós, da Associação Frida Kahlo, acreditamos que mulheres e homens, jovens, adultos ou idosos, negros e não negros, pobres e ricos, com ou sem deficiência, vivendo ou não com HIV/Aids, que sentem atração ou fazem sexo com pessoas do mesmo sexo (homossexuais) e/ou com pessoas de sexo diferente (hetero ou bissexuais), podem viver e exercitar a sua sexualidade de maneira livre, autônoma, responsável, prazerosa e feliz. Para isso, lutamos para a efetivação dos direitos sexuais e também dos direitos reprodutivos de todas as pessoas.

Sabemos que o exercício da sexualidade não se restringe ao ato sexual, ao casamento ou ao fato de ter filhos. Está ligado ao afeto entre as pessoas, ao desejo, à atração física, expressão emocional, carinho, prazer; e, entre outras coisas, à autonomia e liberdade de escolher com quem estar ou transar, independente de sua idade, orientação sexual, religião, classe social, cor da pele ou outros fatores.

E, nesse sentido, para sermos felizes nesse exercício é necessário que nos seja garantido os direitos à informação correta e em linguagem adequada, à educação em sexualidade, ao desenvolvimento equitativo e sustentável, ao prazer sexual, à liberdade, à autonomia, à igualdade, à privacidade, à saúde sexual, às escolhas reprodutivas livres, informadas e responsáveis. E, como a vivência da sexualidade está relacionada às interações entre as pessoas, isso envolve uma questão chamada co-responsabilidade.

A co-responsabilidade é algo que implica em companheirismo, cumplicidade e, sobretudo, no reconhecimento de que tanto o seu parceiro, quanto a sua parceira são pessoas como você, que têm liberdade e autonomia sobre sua vida e seu corpo, independente do sexo ou da orientação sexual, da religião, idade ou qualquer outra situação.

Para que a co-responsabilidade seja efetiva e igualitária devemos não só trabalhar para ampliar o repertório de direitos das mulheres e, assim, empoderá-las, mas também dialogar com os homens e reconstruir as expectativas e ideais sobre o que é ser homem, o que é ser mulher, sobre masculinidades, feminilidades e cuidado.

No campo da sexualidade e da reprodução, além dos aspectos destacados, também precisamos ampliar essas discussões, porque as formas rígidas e tradicionais de entender a reprodução e a sexualidade afetam mulheres e homens jovens e adultos, negros e não negros, com ou sem deficiência, ricos e pobres, vivendo ou não com HIV/Aids, ainda que de modos diferentes.

Esse documento apresenta uma síntese da pesquisa que desenvolvemos com jovens homens e mulheres da cidade de São Paulo. Nesse processo as idéias e visões de mundos serão entrelaçadas com algumas reflexões sobre os direitos, crenças, valores e expectativas, bem como algumas considerações importantes para os nossos projetos de vida e de felicidade, numa perspectiva de gênero, jovem e feminista.

Esperamos que vocês gostem do modo como apresentamos o resumo destes resultados.

**Ana Regina Gagliardo Adeve e
Chindalena Ferreira Barbosa**

Associação Frida Kahlo



Introdução e informações sobre a metodologia da pesquisa

A proposta da pesquisa **“Mulheres e Homens jovens dialogando sobre Co-responsabilidade”** surgiu da observação das diferenças e semelhanças existentes entre jovens heterossexuais, sobretudo no que dizia respeito à sexualidade e co-responsabilidade. Nós ficávamos intrigadas com as nossas próprias histórias e com aquilo que escutávamos de outros e outras jovens, daí a idéia de realizar uma pesquisa, desde a nossa perspectiva de jovens feministas partindo de um diálogo com nossos pares.

Ao desenhar a pesquisa não queríamos nos deter aos números, desejávamos construir referências para os nossos diálogos, algo que pudesse gerar reflexões sobre os comportamentos, vivências, expectativas, os medos relacionados à troca, à cumplicidade e à co-responsabilidade entre casais.

Em nossa construção consideramos juventude como uma categoria definida a partir das relações estabelecidas entre as pessoas num dado contexto e momento histórico, como descrito no Manual de Direitos Humanos das Mulheres Jovens e Aplicação da CEDAW (REDLAC & ILANUD, 2004).

A pesquisa foi feita no município de São Paulo e utilizou, como método de coleta de dados, o grupo de discussão. Os grupos foram definidos considerando o sexo e a classe social B e C/D, e deles participaram jovens de 16 a 20 anos, que já haviam tido relações sexuais, autotransmitidos negros (pretos e pardos) ou brancos e aconteceram de 25 de outubro e 1 de novembro de

2008. Os dados foram analisados no 2º semestre de 2009.

Nos grupos buscamos obter informações sobre: como os e as jovens se vêem enquanto jovem; o que as e os jovens acham do namoro, casamento, do “ficar”, ter filhos e de seus planos para o futuro; o que entendem por co-responsabilidade no exercício da sexualidade e na tomada de decisões reprodutivas; os espaços, as pessoas com quem elas e eles podem falar sobre direitos sexuais, reprodutivos e aquelas que são suas referências nestes temas.

Percebemos que, muito mais que obter respostas, aquelas discussões nos fizeram formular novas perguntas. Havia uma enorme distância entre o nosso discurso ativista jovem, o cotidiano e as interpretações do mesmo por parte das e dos demais jovens não militantes. Era preciso compreender melhor aquelas diferentes realidades.

Embora a juventude nos remeta a um determinado período de vida, onde se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, ela não é algo natural, estático, não é algo dado. Está nítida a existência de várias juventudes e que elas se caracterizam a depender da sociedade em que estão inseridas, as culturas, o momento histórico, as condições socioeconômicas, as oportunidades de acesso a bens e serviços, como descrito no livro *Políticas Públicas de/para/com Juventudes* da (UNESCO, 2004), ou seja, a juventude é algo construído e reconstruído permanentemente.



1. Juventudes: como as e os jovens se vêem?

Esta primeira seção foi organizada para apresentar, brevemente, como as e os participantes dos grupos de discussão se percebiam como jovens:

“Você não é nada, não é criança, não é adulto. De quando tinha 16 para cá mudei muito, tanto de maturidade, jeito, forma de pensar. Não que eu seja velha, não estou falando isso. Mudou muito, 15, 16 é um pensamento diferente, não tem como explicar. Dezenove anos você pensa no trabalho, estudo.”

Mulher Jovem, Classe B, branca

Você já refletiu sobre isso? Já pensou no que é ser jovem no Brasil, em pleno século XXI, em uma grande ou pequena cidade? Já pensou que há diferenças entre ser uma jovem ou um jovem? Você se considera jovem ou adolescente?

Vale lembrar que, na sociedade atual juventude é a fase que se inicia no fim da puberdade - fase de transição entre infância e a adolescência -, com o despertar dos processos de interação social, atribuições de deveres e responsabilidades e a afirmação de identidade.

“Acho que a palavra que define (jovem) mesmo é a responsabilidade. O adolescente não tem tanta responsabilidade igual o jovem, ele já procura pensar mais para frente. O adolescente pensa mais naquele momento. O jovem pensa mais no seu futuro.”

Homem jovem, classe C/D, negro

SER ADOLESCENTE, JOVEM OU ADULTO, EIS A QUESTÃO: O QUE EU SOU?

VOCÊ SABIA...

Que em cada lugar existe uma faixa etária diferente para determinar a juventude? Isso depende de muitas coisas: cultura, valores, idéias de um povo, questões econômicas, relações interpessoais. Em alguns lugares ser jovem é ter entre 10 a 14 anos, em outros de 19 a 24 anos, em outros quem tem até 36 anos ainda é considerado ou considerada jovem. Isso acontece porque a definição de juventude depende de muitos fatores e, além disso, juventude é MOVIMENTO! No Brasil, a faixa etária considerada jovem é de 15 a 29 anos. E para as Nações Unidas jovens são as pessoas entre 15 a 24 anos.

"Mas igual eu, todo mundo acha que tenho 12, 15 anos, quando falo que tenho 17 ninguém acredita. Quando você vai num lugar que põe um salto muda e já te vêem como mulher, então tem essa diferença".

Mulher jovem, classe C/D, negra

"Quando a pessoa pensa em mulher jovem, pensa que tem responsabilidade. Ela trabalha, estuda pensando no amanhã, ter família, casa. Homem não, trabalha para ganhar dinheiro, namora para curtir a vida."

Mulher jovem, classe B, branca

"(Ser) Moleque não tem nenhuma responsabilidade, é ser vagabundo, não fazer nada, acordar tarde, sair com amigos e voltar tarde todo dia."

Homem jovem, classe B, branco

É a crescente expectativa sobre o futuro, somada à maior pressão por parte dos pais, da sociedade, e, sobretudo de si mesmo o que parece, de fato, pontuar a transição entre a adolescência e a juventude.

"Você começa a ficar mais velha e começam: Você está estudando? Não.

Não está trabalhando? Não. Não está estudando e nem trabalhando, o que está fazendo, então? Você namora? Vai casar quando?"

Mulher jovem, classe B, branca

Se fôssemos falar em poucas palavras, ser jovem é estar em trânsito entre a infância e a idade adulta, pelas formas diferentes de ver o mundo e de ser visto dentro dele. "Na maioria das vezes essa transição e as várias mudanças experimentadas são percebidas pelas

Solange Souza



novas responsabilidades, por pensar no futuro - expresso pela preocupação com o trabalho, estudo e a constituição de uma família. Nessa nova fase, as sensações de mudança de mentalidade e ganho de autonomia em relação aos pais se misturam com a ansiedade e insegurança frente às responsabilidades da vida adulta que desponta e das pressões decorrentes dela" (Perfil Urbano, 2008).

1.1 Juventude e trabalho

"Quando a gente começa a trabalhar muita coisa muda", foi isso que vários e várias jovens nos contaram. Entrar para o mundo do trabalho é especial e existe muita expectativa, como nos relatou uma garota:

"Eu acho que o 1º emprego é a fase que o adolescente começa perceber que tem responsabilidade porque o pai e mãe não dá mais dinheiro, você vê que se esforça para ter o dinheiro que achava fácil, ele começa dar valor, começa ter mais responsabilidades, tem conta para pagar. Eu acho que o 1º emprego é um marco dessa mudança de adolescência para fase adulta."

Mulher jovem, classe C/D, branca

A conquista do mundo público e a independência provocam muitas expectativas, mas também assustam e entristecem os e as jovens. Isso porque em algumas famílias o direito de ser "criança ou adolescente" acaba cedo. Como afirma um dos participantes, vivemos numa contradição:

"Eu acho que sou jovem, não dependo mais nada do meu pai, se quiser sair, comer, o que eu quiser tudo eu tenho que correr atrás. Uma coisa mínima nova, eu corro atrás".

Mulher jovem, classe C/D, branca

Existe um fenômeno social chamado "adultização". Isso acontece quando não vivemos a fase da juventude como um momento de experimentação, de tentativas, acertos e erros. Quando temos que lidar com diferentes problemas sociais e desafios, seja a busca pelo emprego, a contribuição para a renda familiar, entre outros. A juventude é vivida de forma diferente para cada uma e cada um a depender das condições socioeconômicas e das trajetórias culturais da família, e dos valores culturais da sociedade em que estão inseridos. Para alguns é sinônimo de responsabilidades e cobranças, para outros de experimentação e liberdade.

Embora a entrada no mundo do trabalho seja pesada para alguns, para muitos jovens, impressionar a namorada é importante e ter um trabalho para garantir o sustento do namoro também. A idéia de que o homem deve pagar e prover os passeios é, ainda, vista como natural. O que você acha disso?

"Namorada também muda a cabeça. A mina quer ir ao cinema e você não pode levar a mina, não pode dar um presente. É ruim isso..."

Homem jovem, classe C/D, negro

Ter um trabalho é necessário para poder sair, comprar presentes, etc? Você também já pensou nessa questão? Já teve alguma dificuldade? Como se resolveu?

Você reparou que, muitas vezes, vemos pessoas jovens e não jovens dizerem que o homem deve pagar a conta e deve arcar com as despesas da casa? O que você pensa sobre isso?

Homens e mulheres podem trabalhar e dividir as despesas em casa ou nos espaços de lazer, isso depende de como dialogamos com a nossa parceira ou parceiro e de quanto ganhamos. Você acha que se a mulher ganha mais do que homem isso é uma vergonha? Para você é normal o casal dividir a conta?

VOCÊ SABIA...

Que persiste a divisão sexual do trabalho, uma vez que as mulheres têm uma sobrecarga com as obrigações relativas ao cuidado com a casa e com os filhos? Os dados do IBGE para 2006 indicam que, a cada 100 mulheres que trabalham fora, 90 têm uma dupla jornada pois, quando chegam em casa, são as únicas responsáveis por realizar os afazeres domésticos, entre os homens isso já não é tão comum: a cada 100 que trabalham fora, apenas 51 acumulam também atribuições relacionadas ao cuidado com a casa ou familiares. A intensidade com que se dedicam a esses afazeres também é diferenciada: as mulheres gastam aproximadamente 25 horas semanais cuidando de suas casas e de seus familiares, enquanto os homens que executam estas tarefas gastam menos de 10 horas por semana. A necessidade de conciliar trabalho e cuidados domésticos faz com que muitas mulheres encontrem como alternativa o emprego em jornadas de trabalho menores. Logo, enquanto apenas 19,3% dos homens trabalhavam habitualmente menos de 40 horas semanais, esse percentual atinge significativos 42,7% quando se fala de mulheres.

SE LIGA!

Considerando que vivemos numa sociedade que garante direitos iguais entre homens e mulheres, é fundamental que cada pessoa contribua para superar essa situação de desigualdade. Muitas vezes, enquanto a mulher realiza as tarefas domésticas, incluindo o cuidado com o filho ou filha, irmãos ou irmãs mais novos, entre outros, ela deixa de investir nos estudos e em sua carreira profissional. A divisão das responsabilidades com a casa, com os/as filhas e outros familiares, possibilita maior satisfação pessoal e profissional de ambos, além de contribuir para a construção de um ambiente mais igualitário e promotor do direito para todas as pessoas. **É preciso que todos os espaços promovam a igualdade de direitos entre homens e mulheres. A transformação começa por nós. Todos somos responsáveis.**

Fonte: Brasil, Secretaria Especial de Políticas para Mulheres da Presidência da República. **II Plano Nacional de Políticas para Mulheres**, 2008.



Solange Souza



2. O que as e os jovens acham de “ficar”, de namorar, casar e ter filhos? E quais são os planos para o futuro?

Nos grupos as e os jovens discutiram vários temas relacionados ao namoro, casamento, que envolviam “ficar”, ter filhos e fazer planos para o futuro.

Uma de nossas conclusões foi que o modo como encaramos as relações entre casais também está relacionado ao momento de nossa vida e depende da nossa vivência e experimentação (ou não) da vida sexual. Vale dizer que as relações sociais também são marcadas por idéias, valores, crenças, (pré)conceitos que circulam na sociedade e que são reiterados no dia-a-dia.

A sexualidade é uma dimensão muito importante da vida humana e tem a ver com aquilo que acreditamos, vivemos e sentimos. E, além disso, com a nossa forma de agir, com nosso corpo, nossos desejos, com o corpo e desejos das pessoas com quem nos relacionamos.

“A 1ª coisa assim no ficar é aparência, você bateu o olho e gostou, daí já se imagina ficando, daí depois que começa a conhecer. A 1ª é aparência, se olhou e achou bonito.”

Mulher jovem, classe C/D, negra

A vivência de nossa sexualidade pode ser expressa de formas diferentes: abraços, beijos, olhares, longas conversas, carícias e também relações sexuais.

Para vivenciarmos a nossa sexualidade de uma forma feliz, é necessário que nos sejam garantidos os direitos: ao prazer sexual, à informação correta e em linguagem

adequada, à educação em sexualidade, à liberdade, à autonomia, à igualdade, à privacidade, à saúde sexual, às escolhas reprodutivas livres, informadas e responsáveis. Para a garantia desses direitos há vários atores e atrizes envolvidos: nossas famílias, nós mesmos e as pessoas com quem nos relacionamos. O exercício pleno, livre e prazeroso de nossa sexualidade, o direito a ter uma gravidez desejada e planejada e, se for o caso, um parto seguro, têm a ver com políticas públicas nos campos dos direitos humanos, juventude, educação, saúde, comunicação, cultura. As normas e valores sociais também nos influenciam, mas não são suficientes. O reconhecimento, a promoção, proteção e efetivação dos direitos das pessoas jovens estão relacionados às políticas públicas, às ações e programas de governo e não à religião ou à opinião de pessoas ou grupos.

As restrições de acesso à informação correta, à educação em sexualidade, aos serviços e ações de saúde sexual e reprodutiva e aos métodos contraceptivos podem fazer com que a juventude, que é uma fase de experimentação e descoberta, seja menos prazerosa e tenha mais consequências não planejadas ou indesejadas, como uma gravidez.

VOCÊ SABIA...

Saúde sexual é a integração dos aspectos corporais, emocionais, intelectuais e sociais do ser sexual, de maneira a enriquecer positivamente e a melhorar a personalidade, a capacidade de comunicação com outras pessoas e o amor. O propósito dos cuidados em saúde sexual deveria ser o melhoramento da vida e das relações interpessoais, e não meramente orientação e cuidados relacionados à procriação e doenças sexualmente transmissíveis.

A saúde reprodutiva é definida como sendo o estado de bem-estar físico, mental e social em todos os aspectos relacionados ao sistema reprodutivo, às suas funções e processos e não a mera ausência de doenças ou enfermidades. A saúde reprodutiva implica que as pessoas sejam capazes de desfrutar uma vida sexual segura e satisfatória, com liberdade para decidir se querem ou não ter filhos(as), o número de filhos(as) que desejam e em que momento da vida gostariam de tê-los(as).

Fonte: Brasil. Departamento de DST/Aids e Hepatites Virais da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde; Secretaria de Educação Básica, Ministério da Educação. **Guia Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares. Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE). Fascículo – Sexualidades e Saúde Reprodutiva**, 2010.

“Antes de engravidar eu também sonhava de ter filho mais para frente, aos 40, 25. Só que às vezes as coisas não acontecem do jeito que a gente planeja. Tem mulher que quer ter um filho, tenta, tenta e não consegue. Eu acho que filho é dádiva de Deus, não é na hora que a gente quer. Acontece na hora que Deus quer. Deus prepara o caminho de todo mundo. Não é hoje, amanhã que vai ficar grávida, no momento que Ele quiser, Ele vai te dar. Meu sonho não era ter filho aos 19. Como eu trabalhava com corpo, como dançarina, eu queria demorar um pouquinho mais para ter. Já que veio, veio com saúde e com certeza minha família inteira está feliz e é isso que importa”

Mulher jovem, classe C/D, branca.

“O que não fazia era trabalhar. Agora estou fazendo bico, estou ajudando. Antes não fazia, só ficava em baladinha, jogando bola, zoeira. Agora vem filho, aí é fazer bico e ajudar o filho”.

Homem jovem, classe C/D, negro

“Depende do clima, está ficando e rolou um clima e fica. Agora só beije, não dá para ficar logo com a pessoa. Às vezes a aparência está bonita mas você não sabe se a pessoa tem alguma doença contagiosa”.

Mulher jovem, classe C/D, branca

Quando você escolhe a pessoa com quem vai transar e pode definir como, em que momento e de que jeito a transa vai acontecer, você está exercendo seus Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. Mas esse exercício de direitos também acontece quando você vai ao posto de saúde e tem acesso a informações corretas sobre como planejar a sua família, como se prevenir das doenças sexualmente transmissíveis (DST) ou mesmo quando tem acesso aos métodos contraceptivos (camisinha masculina ou feminina, pílula, etc.).

Em outras palavras: a vivência da sexualidade de maneira livre, informada, autônoma, prazerosa e feliz é algo possível se (e somente se) nós jovens formos reconhecidos como sujeitos de direitos. Precisamos exigir este reconhecimento, o respeito, a promoção e a efetivação dos nossos direitos.

Mas como exercemos nossa sexualidade? Nesse campo, homens e mulheres são iguais ou será que existem muitas diferenças?

Você já parou para pensar sobre a importância dos garotos também se preocuparem com a contracepção? Já parou para pensar sobre os recursos disponíveis para que possamos realizar uma transa segura, sem risco de gravidez indesejada ou de infecção por doenças de transmissão sexual?

Quantas perguntas!



Eduardo Tavares

VOCÊ SABIA?

O governo brasileiro reconhece que a saúde sexual e a saúde reprodutiva de adolescentes e jovens são direitos que devem ser assegurados para que o exercício da sexualidade seja livre e seguro.

No contexto da saúde reprodutiva, isso significa que deve incluir:

- Orientação, informação, educação, comunicação e serviços de planejamento reprodutivo (métodos contraceptivos).
- Cuidados pré-natais, parto seguro e cuidados pós-natais – especialmente amamentação e cuidados para a criança e para a mulher.
- Prevenção e tratamento apropriado da infertilidade.
- Prevenção do aborto inseguro, incluindo prevenção do aborto e atenção às conseqüências que poderão advir.

Fonte: Brasil. Departamento de DST/Aids e Hepatites Virais da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde; Secretaria de Educação Básica, Ministério da Educação. **Guia Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares. Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE). Fascículo – Sexualidades e Saúde Reprodutiva**, 2010.

Para garantir que os direitos sexuais e direitos reprodutivos sejam respeitados é preciso, antes de tudo, conhecê-los e batalhar para que eles funcionem, na prática, do jeito que as e os jovens querem e necessitam.

Os Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos (DSDR) são direitos humanos e estão relacionados com a nossa vida, com a nossa condição de seres humanos, com a nossa liberdade, nossa saúde, com o exercício da nossa sexualidade, com as nossas decisões reprodutivas, com a gravidez, parto e pós-parto seguros e com a possibilidade de viver livre da morte materna evitável.

Os direitos reprodutivos incluem:

- O direito de mulheres e casais a decidir, em conjunto, de forma livre, esclarecida, autônoma e responsável sobre sua vida reprodutiva, ou seja, sobre o número, o espaçamento e o momento de ter filhos, caso desejem.
- O direito de acesso à educação em sexualidade, aos serviços de saúde integral e às ações em saúde sexual e reprodutiva que incluem o acesso à informação correta e de qualidade, aos métodos contraceptivos adequados à sua realidade, necessidade e expectativas.

Os direitos sexuais incluem:

- O direito de homens e mulheres à liberdade e autonomia sobre seus corpos, como dimensão fundamental de sua humanidade, em todas as fases da vida;
- O direito de homens e mulheres ao respeito mútuo nas relações afetivas e sexuais;

- O direito de homens e mulheres a expressar e desfrutar da sua sexualidade prazerosamente, sem risco de DST (doenças sexualmente transmissíveis), gestações não planejadas ou não desejadas, coerção, violência e discriminação.

COMO VOCÊ JÁ SABE...

Existem muitos jeitos de se praticar sexo: oral, anal ou vaginal e, além disso, você pode transar com pessoas do mesmo sexo que você (homens com homens, mulheres com mulheres), pode ter relações bissexuais (com homens e mulheres) ou com pessoas de sexo oposto ao seu (relações heterossexuais); pode se masturbar ou masturbar o seu parceiro ou parceira, pode ter penetração ou não, e tudo mais que você e seu parceiro ou parceira estiverem a fim de fantasiar, desde que haja respeito e desejo mútuos - uma pessoa não pode ser forçada a fazer aquilo que não deseja só para satisfazer a outra.

O que vale é não ter paranóias na hora de experimentar: conheça seu corpo, aceite seus desejos, assuma as suas escolhas sem medo, e sempre respeite sua companheira ou companheiro, conheça e curta seus desejos e fantasias.

2.1 Mulheres e homens jovens vivenciam da mesma forma a sexualidade?

Como dissemos anteriormente, a sexualidade não se restringe somente ao ato sexual, pois envolve sentimentos e nos motiva a procurar o contato físico e afetivo, a intimidade de um relacionamento, podendo ou não haver reprodução. Nesse sentido, a nossa sexualidade é um processo que se iniciou em nosso nascimento e vai até a nossa morte (CORSA/ECOS, 2008) e independe da orientação sexual, classe social, cor da pele, faixa etária ou condição de saúde.

As jovens sexualmente ativas que participaram do grupo intitularam-se mulheres. Ao fazer referência a si não usavam o termo jovem ou adolescente, diziam-se “mulheres”.

“Não me vejo mais como criança, a partir do momento que já faz tudo você não é mais criança. Então a maioria se vê como mulher”.

Mulher jovem, classe C/D, negra

“Eu acho que a partir do momento que a jovem já tem relação (sexual) se torna mulher, não tem como não diferenciar uma criança e uma mulher porque quando já teve a relação, a cabeça da pessoa muda.”

Mulher jovem, classe C/D, branca

Por outro lado, alguns homens jovens ainda que já tivessem iniciado sua vida sexual preferiam ser chamados de moleques porque enquanto a experimentação lhes concebia um lugar de privilégio e respeito frente aos outros, a idade lhes conferia ausência de responsabilidade...

SE LIGA!

Ninguém discorda que homens e mulheres possuem diferenças. O que não podemos é contribuir para que essas diferenças sejam transformadas em desigualdades. As sociedades, por meio de atitudes, comportamentos e expectativas, tentam impor modelos do que é ser homem ou ser mulher. Esses modelos nos são repassados pela família, pelos amigos e amigas, na escola, no trabalho, nos espaços religiosos, de lazer e cultura ou ainda nos locais de trabalho, mas se aprendemos também podemos ensinar. Por isso é tão importante repensar algumas coisas que até agora pareciam naturais.

As relações sociais são diversas, por isso devemos analisar criticamente e compreender como as desigualdades entre homens e mulheres se estabelecem para que possamos superá-las. Ter consciência de nossa condição é um passo importante para defender relações igualitárias e construir novas possibilidades na vida social, afetiva e sexual.

Fonte: Brasil. Departamento de DST/Aids e Hepatites Virais da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde; Secretaria de Educação Básica, Ministério da Educação. **Guia Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares. Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE). Fascículo - Relações de Gênero**, 2010.

2.2 Namoro ou amizade? Quem é pra ficar e quem é pra namorar?

“Você sabe o lugar certo de pegar nela para ela gostar, você já conhece. A outra você vai que vai, é puxão de cabelo, tapa na bunda. A namorada é mais delicada.”

Homem jovem, classe B, branco

Namorada é diferente de “ficante”? Qual a diferença entre transar com a namorada ou transar com uma “ficante”? Por que os garotos podem fazer certas coisas com a “ficante” e não com a namorada?

Se estivermos falando sobre exercer a sexualidade de forma livre e autônoma, por que existem essas diferenças? Por que as parceiras são classificadas a depender do tipo de vínculo que estabelecemos com elas?

Como o homem e a mulher lidam com a sua sexualidade? **É igual ou é diferente?** No quê?

SE LIGA!

A sexualidade é um componente da vida humana, não pode ser separado de outros aspectos da vida. É preciso repensar os valores que reproduzimos e, muitas vezes, orientam nosso comportamento sexual. Às vezes contribuímos para a manutenção das desigualdades entre homens e mulheres e damos margem ao preconceito e à discriminação. As relações são construídas e refletem os valores de uma sociedade, de uma cultura.

VOCÊ SABIA...

- Que em muitas sociedades mulheres e homens são educados de forma diferente?
- Que as pessoas, por meio da cultura, da tradição, dos valores, da linguagem e das relações interpessoais, constroem coletivamente e reforçam (ou transformam), ao longo dos tempos, aquilo que é papel da mulher e aquilo que é papel do homem?
- Que esses modelos do que é ser mulher e do que é ser homem geralmente estabelecem que ser homem é ser sempre melhor e mais valioso que as mulheres?
- Que, assim como esses modelos são construídos, podem ser desconstruídos e redefinidos com a participação de todos e todas, em qualquer sociedade?

Um jovem nos contou que:

"Tem mina que vai beijar você e diz 'só beijo se beijar a minha amiga' aí beija os três. Isso é bom, não acho que está errado. Hoje em dia a mulherada está bem mais vagabunda do que antigamente... só que nenhum cara quer uma dessa para casar, só para curtir, só para comer."

Homem jovem, classe C/D, negro

A partir dessa fala perguntamos: ter vontade de transar, sentir prazer é repugnante? Por que um homem pode exercer a sua sexualidade e a mulher que expressa seus desejos é chamada de "fácil" e "vagabunda"? Por ter liberdade e autonomia sobre seus desejos e sua vida, essa mulher não pode ser namorada, companheira ou esposa? Não pode ser valorizada?

Como vimos antes, aprendemos que existem "coisas de menina" e "coisas de menino". E isso também se reflete na forma como nos relacionamos, como classificamos (ou discriminamos) as pessoas, como fazemos sexo, como respeitamos ou não a parceira e o parceiro.

E você, já viveu ou presenciou situação semelhante?



Eduardo Tavares

SAIBA MAIS:

Gênero é o nome que damos aos papéis e funções socialmente construídos para homens e para mulheres. Na maioria das sociedades as relações de gênero são desiguais e desequilibradas no que se refere ao poder atribuído a mulheres e homens. Desde criança ouvimos dizer que existem “coisas de menina” e “coisas de menino”, por exemplo: brincar de casinha, brincar dentro de casa, ter o direito de chorar, ser delicada, agir cuidadosamente são “coisas de menina”. Brincar de carrinho, brincar na rua, pegar em armas (ainda que seja de brinquedo), aprender a não ser delicado e, independente de qualquer coisa que aconteça, não ter o direito de chorar e agir impulsivamente são “coisas de menino”.

As relações de gênero, quando desiguais, tendem a aprofundar outras desigualdades sociais e econômicas e contribuem para a manutenção de contextos, atitudes e comportamentos violadores dos direitos humanos, tais como a discriminação. Os atributos e papéis sociais relacionados ao gênero não são determinados pelo sexo biológico. Eles são construídos historicamente e socialmente, logo podem ser transformados.

Agora, perguntamos a você:

Será que existem mesmo essas diferenças entre “coisas de meninos” e “coisas de meninas”? Será que os diferentes papéis atribuídos aos homens e as mulheres em nossa sociedade são realmente válidos e úteis para construir um ambiente mais justo e igualitário?

Você saberia nos responder se essas diferenças também estão presentes no exercício da sexualidade?

Sim, sabemos que existem diferenças. As pessoas são diferentes umas das outras – tamanho, tipo de cabelo, idade, sexo, cor da pele, naturalidade, escolaridade, orientação sexual, local onde moram ou onde trabalham, religião -, mas essas diferenças não devem nos colocar em condições de desigualdade ou mesmo em situações desconfortáveis. Independente de nossas características (incluindo o fato de sermos homens ou mulheres), podemos e devemos exercer a nossa sexualidade e o nosso prazer de forma livre, sem discriminação, coerção ou violência. É direito de cada um e cada uma, é direito de todos os seres humanos.

SE LIGA!

No que diz respeito à vivência da sexualidade, ao menino é ensinado que não basta nascer homem, ele tem que provar isso o tempo todo e, sobretudo, na frente de outros(as) jovens. Isto inclui, entre outras coisas, fingir que sabe tudo sobre sexo mesmo não sabendo, esconder seus medos e, acima de tudo, “não falhar na hora “H”. Tais imposições costumam trazer ansiedade e desconforto para grande parte dos adolescentes, principalmente por não poder compartilhar seus medos e inseguranças com outros jovens ou com as meninas. A somatória de todo esse aprendizado tem como resultado uma menor capacidade de cuidar de sua própria saúde e, por conseguinte, de sua(seu) parceira(o), deixando-o mais vulnerável a infectar-se pelas doenças sexualmente transmissíveis e pelo HIV/aids, a agir de forma menos respeitosa

Fonte: Brasil. Departamento de DST/Aids e Hepatites Virais da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde; Secretaria de Educação Básica, Ministério da Educação. **Guia Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares. Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE). Fascículo – Relações de Gênero**, 2010.

Muitas vezes, a transição do ser jovem para vida adulta é idealizada na seguinte forma: primeiro “ficar”, depois namorar, casar e ter filhos.

Para as jovens, ficar é...

“Então, a coisa de ficar é do século 20 porque antes não tinha isso. Antes as pessoas namoravam, noivavam e casavam. Eu acho que é mais na década de 90 que começou a ficar. Minha mãe não tinha isso, era namorar, noivar, casar. O ficar hoje é para conhecer a pessoa, daí você sabe se aquela pessoa é o que você quer. Antigamente casavam sem conhecer a pessoa. Eu acho que o ficar muita gente é contra por achar que é forma de até, fugiu a palavra... Ah, uma forma, não é vulgar, é outra palavra que escapou totalmente. “Leviana”, a pessoa pode ficar com um e outro, o namoro é mais sério.

Mulher jovem, classe C/D, Negra

Para as mulheres jovens, o ideal de “felicidade a dois” e a busca de um parceiro que corresponda a essa expectativa parece pontuar as relações estabelecidas; então, o “ficar” ganha significado diferente em relação à percepção dos homens jovens.

“Uma preparação pra quem vai namorar, o namoro é preparação para casar. O ficar antecipou o namoro, é o 1º para ver se vai dar certo ou não”.

Mulher jovem, classe C/D, Negra

“Enquanto para elas “ficar” pode significar a promessa do início de um namoro – uma fase de conhecimento mútuo, de experimentação e de afetividade – para eles “ficar” pode representar a possibilidade de estabelecer uma relação que os permita lidar com o conflito entre afetividade x sexualidade x liberdade. Nessa perspectiva, para os homens

jovens “ficar” remete mais a um exercício de afetividade, livre das pressões por estabelecer uma relação de compromisso com o par.” (Perfil Urbano, 2008).

“As de 15, quanto mais beijar melhor. Você sai e beija 7, 10. Peguei 10 na balada, peguei 8, são meio que rivalidade entre elas, quem pega mais. Nós´é´ ao contrário, ver quem come mais, comi duas na semana passada, eu 3, é tudo historinha.”

Homem jovem, classe B, branco

Sobre o namoro, os homens jovens afirmaram...

“(Namoro é) Quando você gosta da pessoa de verdade. Primeiro tem que gostar da mina de verdade, tem que pensar em montar a família. Ninguém pensa em ter filho e largar a mina, ficar namorando. Você quer ter filho, você quer montar uma família”.

Homem jovem, classe C/D, negro

“Minha namorada é minha amiga, companheira, mãe, ela me quer bem, não quer me ver quebrar a cara, me dá dicas.”

Homem jovem, classe B, branco

Em contrapartida, as jovens apresentaram alguns incômodos em relação às cobranças que recaem sobre elas:

“Ah, eu fui cobrada cedo, depois que comecei namorar fui cobrada mais, depois que começa namorar tudo é mais cobrado”.

Mulher jovem, classe B, branca

Quando as mulheres jovens se casam a vida muda, existe a cobrança do cuidado com a casa, a obrigação de dar ‘satisfações’ ao marido, entre outras coisas.

“Quando era solteira ia muito em balada e era muito solta. Depois que você se “amiga” com uma pessoa, muda totalmente sua vida, responsabilidade de casa, para sair tem que falar com marido, totalmente diferente de uma pessoa solteira.

Mulher jovem, Classe C/D, negra

“Me sinto adolescente e jovem, sinto responsabilidade de pagar a conta, meu namorado chega em casa e a comida tem que estar lá. Eu acho que é a mesma responsabilidade da minha mãe com meu pai, vai da pessoa”.

Mulher jovem, classe B, branca

“Nem sei se vou casar, vai ser casamento a distância igual namoro. Eu vi na TV, muitos casais estão se casando e morando em casas separadas”.

Mulher jovem, classe B, branca

Mas, perguntamos, é realmente natural a mulher cuidar da casa? Essa situação é compartilhada pela mulher e pelo homem igualmente? Por quê? Será que temos que ter medo de nos relacionar pelo risco de uma eventual separação?

As mulheres jovens comentam seu desejo de garantir primeiramente sua formação universitária, que muitas vezes significa autonomia econômica, para posteriormente constituir família, casar e ter filhos. Você é uma pessoa que apóia e incentiva essa prática pelas mulheres? Como? E os meninos, também não deveriam estudar antes de casar? Ou isso é uma escolha de cada um e cada uma?

“Ele já pretende casar. Se tivesse dinheiro a gente já tinha casado, já teria tido filho. Eu falei só depois da faculdade, deixa para depois”.

Mulher jovem, classe B, branca

2.3 Juventude e projetos de vida

O que quero ser quando crescer? Crescer quanto? Como? Para quê? Com quem?

Apesar de os jovens e as jovens, geralmente, apresentarem angústias, dúvidas e receios em relação ao seu futuro, aqueles e aquelas que participaram do grupo apresentaram suas pretensões numa seqüência lógica: estudo, estabilidade profissional - segurança, conforto, melhores condições de vida para a família e, em alguns casos, de proporcionar superação/mudança da própria história de vida -, depois casamento e filhos.

"A partir dos 18, ontem mesmo eu estava falando com minha mãe, preciso começar a construir a minha vida, próximo ano não sei o que vou fazer, que faculdade vou fazer. A minha vontade era servir a marinha brasileira, não sei se vou ser bióloga marinha, jornalista, dúvida atrás de dúvida. Estou começando a entrar nos 18, 19 e começando a montar a vida"

Mulher jovem, classe B, branca

"O ano que vem pretendo fazer faculdade de matemática, ser professora, terminar de pagar meu carro, minhas dívidas, criar minha filha. Fazer faculdade porque operadora de telemarketing não é fácil.

Mulher jovem, classe C/D, negra.



Banco de Imagens - UNFPA/Brasil

“Eu pretendo ter uma filha, sempre sonhei em ter uma filha e uma própria empresa, eu mesmo e ele também. Mas na área de estética, fui fazer na área de segurança e então ele vai trabalhar com segurança e eu numa clínica de estética que pretendo ter, se Deus quiser”

Mulher jovem, classe C/D, negra.

Na pesquisa, a maioria dos relatos sobre o futuro relacionado à vida profissional foi de mulheres, indicando uma preocupação em terminar os estudos e constituir uma estabilidade financeira.

“Fazer a faculdade. Já era para estar fazendo de medicina. Eu pretendo ser uma médica para não ficar na mesma vida”.

Mulher jovem, classe C/D, negra.

“E os homens não precisam cobrar das mulheres porque estão com cabeça formada, vou fazer faculdade, trabalhar, não precisa do homem para ajudar”.

Mulher jovem, classe B, branca

Eu penso no lado profissional por duas partes: tanto por mim, que quero me realizar profissio-

Solange Souza



nalmente, como pelos meus pais que tem a cobrança, sempre eu e meu irmão mais velho. Ele tem 21 anos e já tem a vida toda estabilizada. Vou fazer 19 e não sei, sei o que quero fazer mas não com toda certeza que não vá me arrepender. Só que é mais pelo fato da cobrança, vou fazer, vou conseguir para mostrar para os meus pais que sou capaz. Eu gosto de mostrar para os outros que sou capaz. Eu costumo dizer que sou uma caixinha de surpresa.

Mulher jovem, classe B, branca

Já os homens jovens abordaram menos a formação escolar e mais a constituição de família e a necessidade de trabalho imediato:

“No futuro quero casar, ter filhos, ter relacionamento a moda antiga, conheço o pai e a mãe dela. Quando não tenho o que fazer vou na casa dela assistir os programas de domingo”.

Homem jovem, classe C/D, branco

“Eu não sou daqui, morava no Maranhão. Eu vim para cá tentar um futuro melhor como jogador. Eu já passei por vários times, mas até agora não encaixou”.

Homem jovem, classe C/D, negro

SE LIGA!

Família costuma ser definida como o primeiro grupo ao qual uma pessoa pertence e cumpre um papel determinante na sua socialização e no desenvolvimento da sua personalidade.

É na família também que ocorrem as primeiras experiências afetivas, fundamentais para o desenvolvimento emocional de uma criança e, futuramente, pela forma como esta pessoa se relacionará com o mundo.

A constituição familiar, sua estrutura e suas regras de funcionamento variam dependendo do contexto social, grupo cultural e do período histórico em que a família está inserida.

Se você é jovem e já tem família constituída, escreva uma nova história. Eduque seus filhos e filhas para a igualdade, a não violência e a não discriminação. Dialogue com sua companheira ou companheiro. Um ambiente respeitoso e de paz produz pessoas capazes de transformar realidades!



3. Prazeres e responsabilidades compartilhados

Se a **responsabilidade** é algo que se compartilha entre as e os parceiros, isso envolve o fato de reconhecer que o parceiro ou a parceira é uma pessoa como você, que tem liberdade, autonomia e o poder de decidir sobre a sua vida e o seu corpo da maneira que melhor lhe convier.

Como será que as e os jovens estão colocando em prática essas idéias? O que entendem por co-responsabilidade no exercício da sexualidade e na tomada de decisões reprodutivas?

Quando namorava com ele, ficava entusiasmada, final de semana vou encontrar ele. Quando você está assim os dois no mesmo teto, tem que haver uma concordância, se não houver concordância, qual exemplo que vou passar para meu filho? Qual exemplo que vou passar de família unida. Porque a vida a dois é difícil mesmo. Eu acho que do nosso namoro para cá nossa vida melhorou, a gente conseguiu conquistar tantas coisas eu e ele juntos.

Mulher jovem, classe C/D, negra

A sexualidade é um dos temas mais presentes no cotidiano das pessoas, especialmente de nós jovens. Mas, em nossa sociedade, é difícil falar abertamente sobre sexualidade. É como se houvesse *uma pedra no meio do caminho*. Na família, na escola, nos espaços religiosos, nos meios de comunicação, na rua. Em todos os lugares existem tentativas de transmitir valores a respeito da sexualidade. Em sua maioria são mensagens contraditórias que, por um lado, estimulam o desejo sexual e, por outro, promovem a culpa e reforçam a proibição. E, para reduzir

essas dificuldades que se mantêm ao longo do tempo e das gerações, vamos dialogar um pouco mais sobre o tema.

O diálogo é um dos caminhos para compartilhar nossas idéias, nossos desejos, nossas preferências, nossas dúvidas e anseios. O que você acha?

3.1 Falando sobre MASCULINIDADE

Um assunto interessante para compartilhar entre amigas e amigos é a questão da masculinidade. Você sabe o que é isso?

Bem, já sabemos que a sexualidade é um componente da vida humana, que mulheres e homens vivenciam e experimentam desde o nascimento até a morte. Também sabemos que, embora nos tenham ensinado que certas coisas são de homens e outras coisas de mulheres, nem tudo está dado, se quisermos contestar e fazer diferente a decisão é nossa, não existem verdades absolutas.

Em matéria de sexo e no exercício da sexualidade também existem essas categorias baseadas em papéis sociais de mulheres e papéis sociais de homens. A masculinidade está diretamente ligada às “coisas de meninos que se tornam homens”, à imagem socialmente construída para os homens, e ao exercício da sexualidade masculina.

“E você está meio chapado de droga ou bebida, você não pensa duas vezes! Você vai para o abate, é instinto do homem.”

Homem jovem, classe B, branco



Nessa lógica, o homem de verdade deve demonstrar a capacidade de conquistar sem estabelecer vínculos, sem desenvolver ou demonstrar sentimentos. Deve ter uma vida sexual intensa e, ao se relacionar com mulheres, deve “ir para o abate” como se as mulheres fossem um alvo a ser atingido/abatido/derrubado.

Você já havia parado para pensar nisso?

Quem não ouviu aquela afirmação de que “homem que é homem não chora”? Então um homem deve ser sempre forte, não pode chorar, não pode se apaixonar e nem ser conquistado por uma mulher; também não pode cuidar, nem mesmo de si. Ao mesmo tempo nos ensinam que as mulheres devem ser sempre conquistadas, que devem ser cuidadoras e que não devem ter muitas experiências sexuais.

Como afirmou um dos homens jovens durante o grupo de discussão:

“Se a mina tem camisinha na bolsa, eu já penso que é uma galinha.”

Homem jovem, classe C/D, negro

Você já ouviu (ou fez) comentários como esse? Acredita que isso seja verdade, ou apenas repete o que todos dizem pra não ser “do contra”? Acha que vale a pena deixar de transar com a menina quando você não tiver um preservativo, ainda que ela o tenha?

“Eu acho que não é só dever do homem, a mulher tem que ter dentro da bolsa, é isso que eu acho...”

Mulher jovem, classe B, branca

VOCÊ SABIA...

De 1980 a junho de 2008, foram identificados um total de 506.499 casos de Aids no Brasil (333.485 casos no sexo masculino e 172.995 no sexo feminino). Ao longo dos anos, tem aumentado o número de casos na população com menos de 30 anos.

Fonte: Brasil. Departamento de DST/Aids e Hepatites Virais da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico Aids/DST, jul.-dez. 2007, jan.-jun. 2008.** Brasília, 2009, ano 5, n. 1.

SE LIGA!

Ter camisinhas masculinas e/ou femininas na bolsa é sinal de cuidado consigo e com o outro, com a outra. Se o exercício da sexualidade deve ser prazeroso, autônomo, livre e seguro, por que não ter consigo o preservativo?

Pense com carinho. A prevenção é antecipação tanto para homens quanto para mulheres. Desfrutar do mais alto nível de saúde é um direito fundamental de todos os seres humanos.

Não seria interessante saber que a sua namorada ou o seu namorado tem uma camisinha na bolsa ou na mochila? Que ela se cuida, que ele se cuida?

As e os jovens com quem dialogamos também disseram que:

“A menina considerada vagabunda hoje em dia é isso, se ela dá para um cara de manhã e para outro à tarde... Mas se o homem come uma de manhã e outra à tarde, ele é garanhão. Isso mesmo. Isso vai ser sempre assim...”

Homem jovem, classe C/D, negro

Será que realmente a mulher que transa e anda com camisinha na bolsa tá “facinha”? Como podemos mudar essas concepções?

“Vai ser sempre assim”. Você não acha que “sempre” é muito tempo?

Valores como esses podem ser transformados. A vida, como dizemos, é muito dinâmica; logo, tudo o que está relacionado a ela, incluindo as normas sociais, pode ser reconstruído e reformulado. Você concorda? Você acha que as relações poderiam ser mais prazerosas e igualitárias se estas normas fossem revistas?

VOCÊ SABIA...

- Que o cuidado é parte fundamental da sexualidade?
- Que homens e mulheres podem exercer o cuidado com a mesma habilidade?
- Que nas relações afetivo-sexuais o respeito pelo outro e pela outra também inclui o uso do preservativo feminino ou masculino. Sexo seguro também é uma forma de cuidado?
- Que cuidar também faz bem à saúde de quem cuida?

3.2 Contraceção também é coisa de homem

A gente está tendo relação e começa, daqui a pouco cadê a camisinha? Vamos sem. Não, sem não vou, preservativo, preservativo e preservativo. Eu debato com ele para poder usar. Ele briga comigo porque eu não tomo pílula.

Mulher jovem, classe B, branca

É importante lembrar que além de trocar prazeres, fluidos e carinho, na relação sexual os parceiros e as parceiras também compartilham responsabilidades.

Por isso que meu namorado apoiou o uso do anticoncepcional, ele falou que se tivesse um filho com eu teria que cuidar. É assim, eles querem ter relação sem camisinha. Daí eu falo, 'só porque estou tomando anticoncepcional vamos ter relação sem preservativo? Então procura outra parceira'. Ele fica assim, 'você está tomando pílula'. Eu digo 'estou fazendo a minha parte, e você?'

Mulher jovem, classe B, branca

A co-responsabilidade é algo que envolve o reconhecimento de que o parceiro ou a parceira é uma pessoa como você, que tem liberdade e autonomia sobre sua vida e seu corpo, independente da orientação sexual, da religião, da idade, ou condição de saúde. E você, tem feito a sua parte?

Solange Souza



COMPARTILHAR O CUIDADO, A RESPONSABILIDADE E O CARINHO NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS PODE SER PRAZEROSO. EXPERIMENTE!

Os homens também têm direito à informação sobre planejamento familiar, a participar da escolha do método contraceptivo, a dialogar com as suas parceiras. Têm direito a cuidar de si e cuidar da outra ou do outro. A paternidade desejada e planejada também é direito do homem.

O meu (namorado) olha a cartela todo final de semana, a gente só se encontra de sábado e domingo. Chegou no sábado ele vai na bolsa e olha para ver se tomei tudo direitinho. Todo final de semana vai na minha cartela. Se vê que eu não tomei um dia, ou estou com ele no sábado, vou antes de tomar, tomo à noite, ele vê que passou a hora, está na hora de tomar o remédio. Eu deixei a bolsa na casa dele, esquece e tomo no outro dia de manhã. Ele já está com a camisinha dele, por causa de 1 minuto atrasado ele já está apavorado, ele se preocupa mais que eu, às vezes eu esqueço.

Mulher jovem, classe C/D, branca

Você compartilharia as escolhas e as responsabilidades com o seu parceiro ou parceira? O que você acha da atitude desse namorado? O seu parceiro se preocuparia se você esquecesse de tomar a pílula? Vocês iriam conversar sobre isso e buscar uma alternativa para evitar uma gravidez não desejada ou não planejada?

Você, garoto, perguntaria a sua namorada se ela tomou a pílula? A decisão pelo método contraceptivo deve ser só da mulher, ou pode ser algo discutido, avaliado e decidido pelo casal?

Para decidir qual o melhor método contraceptivo é importante contar com a orientação de uma ou um profissional de saúde. O mais importante é garantir que o método proteja homens e mulheres de uma gravidez indesejada e previna infecções sexualmente transmissíveis. Mas é importante notar que o único método capaz de oferecer essa dupla proteção é a camisinha/preservativo (masculino ou feminino).

Crescemos acreditando na idéia de que a mulher tem que se cuidar, se prevenir e que os homens não precisam se envolver na prevenção e no cuidado. Tais idéias parecem ser verdades absolutas, mas não. Tudo pode ser mudado, transformado. O fato de transarmos, de trocarmos sensações, carinhos, desejos e emoções não seriam fortes argumentos para também compartilharmos as decisões, a prevenção e a responsabilidade em cuidar?

Não podemos esquecer que nem o companheiro e nem a companheira têm o direito de invadir a privacidade do outro ou outra, de intimidar ou tentar impor sua vontade e sua decisão ao outro. Quem ama respeita, cuida e dá carinho! Assim, homens e mulheres jovens e seus parceiros e parceiras podem (e devem) pensar e decidir conjuntamente sobre a contracepção e a prevenção das DST.

Decidir se desejam ou não ter filhos, qual o método contraceptivo que irão utilizar, são direitos de todos e de todas, inclusive dos e das jovens.

3.3 Mas afinal, de quem é o poder de decidir?

O poder de decidir deve ser compartilhado. Se somos parceiros no ato sexual, por que não continuarmos parceiros no momento da escolha? Por que não ser co-responsáveis nessa decisão?

A maioria dos e das participantes nos grupos de discussão abordou a noção de co-responsabilidade relacionada à gravidez.

“Eu engravidei com 16, ele tem a mesma idade que eu, criança de tudo. Quando eu engravidei eu morava com minha avó, ela não aceitou, falou que eu era nova, que era uma vergonha para família. Não culpo minha família porque foi responsabilidade minha...”

Mulher jovem, classe C/D, negra

Em todos os grupos, no primeiro momento em que foram feitas as perguntas sobre esse tema, os e as jovens explicitaram a necessidade de ambos assumirem a responsabilidade pela contracepção; no entanto, no decorrer das conversas alguns deixaram claro que, na maioria das vezes, a responsabilidade recai sobre as mulheres.

“Eu tomo a decisão, eu não quero usar preservativo, se depender dele está bom assim.”

Mulher jovem, classe B, branca

“A mulher vai assumir toda responsabilidade pela criança. Ela vai continuar com a responsabilidade, (ele diz) vou fazer a minha parte de pagar pensão e só. Mas a responsabilidade mesmo é dela”.

Mulher jovem, classe C/D, branca

Os argumentos sobre o fato de a responsabilidade ser atribuída apenas à mulher estavam relacionados à sua capacidade de gerar o

filho e ter sua rotina alterada em função disso. Quando o grupo dizia que a responsabilidade deveria ser dos dois, partiam do pressuposto que era algo óbvio que as duas pessoas, envolvidas na situação, teriam consciência da sua responsabilidade; no caso dos homens, destacavam que eles deveriam ser responsáveis não só por prover ajuda financeira.

“Eu acho que esse bagulho de casa, tem filho, separa... Eu acho que não é assim... porque minha mãe é separada do meu pai, não quero isso para mim como não quero para o meu filho. Quero ficar do lado dele, o que aconteceu comigo não quero que aconteça com meu filho. Meu pai não liga, não quer saber mesmo.”

Homem jovem, classe C/D, branco

Em todos os grupos foi associado o uso de camisinha ao homem e os contraceptivos às mulheres. Também se observou que os jovens demonstravam interesse em contribuir para evitar uma gravidez, mas na verdade para as mulheres era nítido que as atitudes masculinas representavam mais uma exigência/obrigação que um cuidado ou uma expressão de responsabilidade compartilhada. A camisinha pouco era vista desde a perspectiva da dupla proteção. Ela entrava em cena se houvesse falha no uso dos outros métodos.

Eu acho que a parte do homem é a camisinha, minha mãe se acha camisinha na bolsa me espanca. A da mulher é a pílula. Se a mulher não toma, ele tem que colocar.

Mulher jovem, classe B, branca

“Geralmente ele vai gostar mais ainda. Homem não gosta muito de usar camisinha. Esse meu ex vivia perguntando se eu estava tomando remédio direito, toda vez que tinha relação ele perguntava. Eu usei camisinha com ele no começo,



Solange Souza

daí parei de usar camisinha e tomava remédio e ele vivia com coito interrompido, eu já nem ligava porque era dele. Ele sempre falava 'você está tomando remédio direito?'

Mulher jovem, classe C/D, negra

Outro aspecto interessante foi a questão da camisinha feminina: mesmo sabendo da sua existência, tanto as mulheres quanto os homens demonstraram desinteresse na possibi-

lidade de usá-la. A camisinha, ainda que seja a feminina, continua sendo um sinônimo de "promiscuidade", um sinal que inspira desconfiança e desvalorização.

"Se a mina tem camisinha na bolsa, qualquer uma, eu já penso que é uma galinha. É verdade. Se ela tem camisinha, ela sabe que todo dia pode dar para alguém."

Homem jovem, classe C/D, negro

Considerando os relatos das e dos jovens que participaram dos grupos de discussão, podemos afirmar que é preciso investir em novas estratégias e novas formas de socializar informações sobre sexualidade com prazer, liberdade, responsabilidade e segurança. É preciso ampliar o debate sobre as vantagens do uso do preservativo. **A camisinha (feminina ou masculina) é o único método que oferece ao casal dupla proteção - protege da infecção por HIV ou outras DST e evita uma gravidez indesejada. O exercício da sexualidade segura e prazerosa e a tomada de decisões reprodutivas são direitos fundamentais de todas as pessoas.**

3.4 Paternidade e Maternidade na adolescência e juventude

“De presença, carinho, (pai) tem que assumir em tudo e não só dinheiro. Não adianta ter um filho, se separar da mulher e só ter dinheiro na conta. E a presença do pai? O filho sabe que existe um pai mas por que ele não está lá? Eu acho que responsabilidade é isso e não só assumir. Vou trabalhar, pra que seja advogado ou pedreiro. Dá dinheiro, assistência para o menino em tudo mas é a presença dele que é mais importante”.

Mulher jovem, classe C/D, branca

A paternidade e a maternidade são momentos marcantes na vida dos homens e das mulheres jovens (e também adultos). Por diferentes razões, seja porque se trata de uma relação estável ou de uma fase de experimentação, seja por conta da dependência de pais ou dos responsáveis, seja pelo desejo de gestar a criança naquele momento ou exatamente porque a gesta-

ção acontece sem ter sido planejada, enfim, são muitos os fatores.

Geralmente, exige-se da mulher um ótimo desempenho no plano afetivo - “amor de mãe” ou “instinto maternal” - e, do homem, cobra-se, principalmente, responsabilidade financeira.

HOMENS NÃO SÃO NATURALMENTE “INCOMPETENTES PARA CUIDAR”.

Aos homens não cabe apenas a garantia de sustento da família. Homens também cuidam, como descrito pelo UNFPA e o Instituto Papai, na cartilha *Homens também Cuidam!*

“Não só o trabalho, um filho também faz a gente mudar de adolescente para jovem. Ele começa a ter mais responsabilidade, começa a pensar mais no futuro. Antes de eu ter o filho era só zoeira, funk, balada direto. No momento que a mulher ficou grávida, comecei a pensar em trampo, fazer a vida pensando nos moleques.”

Homem jovem, classe C/D, negro

VOCÊ SABIA...

- Que a divisão das tarefas domésticas melhora a harmonia conjugal? Assim como a licença paternidade fortalece a relação entre pai, a mãe e a criança?

Em geral, uma gestação não planejada é foco de grande preocupação tanto por parte dos homens jovens quanto das mulheres. Na maioria dos casos essa preocupação não ocorre em relação às infecções sexualmente transmissíveis, como a infecção pelo HIV; por que será?

“Eu acho que os filhos têm que se sentir acolhidos pela família, muitas vezes não se sente acolhida pela família e vai procurar fora e quebra a cara. Não que isso tenha sido o motivo de eu ter engravidado, não, se você tem relação com a pessoa sabe aonde está chegando. Só que eu era sem limites, achava que estava certa de tudo. Avó tem cabeça bem mais antiga, eu fui falar para ela e ela disse ‘não acredito que você teve relação com ele’. Quando falei que estava grávida, meu Deus do céu. Daí ela não aceitou e fui morar com minha sogra. Quando estourou minha bolsa eu era tão sem noção que estava saindo água de mim e nem eu lembrava, era água do bebê, a gente era criança de tudo, tanto eu quanto ele. A gente não pensava, ele não trabalhava e eu também não trabalhava na época. Quando veio meu filho a gente acordou. Você tem uma criança agora para cuidar”.

Mulher jovem, classe C/D, negra

Mesmo nos casos em que o casal está separado, pai e mãe podem negociar a divisão das atribuições e responsabilidades em relação ao cuidado com a criança.

“Eu tenho vontade de ter 3 filhos e nenhum marido e se Deus quiser ter condição financeira para sustentar os 3 sozinhos. Se (o pai da criança) quiser ver eu deixo, mas vou cuidar do meu jeito. Minha vontade maior é ser mãe e não esposa, se tiver condições financeiras de cuidar dos meus filhos, quero carreira profissional em 1º lugar, daí tudo bem. Eu acho que hoje em dia

a idéia de família é muito diferente e isso acaba afetando a cabeça de casal ou não”.

Mulher jovem, classe B, branca

Gravidez é um assunto de homem também. É importante que o homem também esteja presente para receber as orientações sobre como cuidar do recém-nascido e promover a saúde sexual e reprodutiva de ambos, (UNFPA e o Instituto Papai, 2007)

“Eu estava namorando há dois meses, pensei que estava grávida. Só que meu parceiro não queria o filho e disse vai ter que tirar, comprou remédio para abortar. Daí eu falei que não vou tomar remédio. E ele, é pegar ou largar, minha parte eu faço, compro o remédio e você se vira. Passou 15 dias e desceu para mim. ‘Se você tivesse grávida eu ia comprar o remédio para você, outra parte eu não ia assumir responsabilidade alguma, você não quis se prevenir’. Ele jogou a responsabilidade para cima de mim”

Mulher jovem, classe C/D, branca



4. Eu dialogo, você dialoga, nós compartilhamos!

Com quem as e os jovens trocam e compartilham informações sobre sexualidade? Em quais espaços podem buscar informações? Quem são as referências?

Uma das questões importantes em matéria de prevenção de DST/Aids e contracepção é com quem dialogamos e onde buscamos informações para exercer nossa sexualidade de maneira feliz, responsável e autônoma. As e os jovens dessa pesquisa nos contaram diferentes histórias e experiências sobre isso.

4.1 Dialogando com a família

“Eu converso bastante com minha mãe. Antes eu tinha receio e depois disso eu contei para ela, meu Deus. Você falou que depois que aconteceu aquilo era para confiar, contar tudo. Ela se segura com vontade de querer me bater, ela escuta, critica. E com as amigas da escola, agora está mais madura, todas praticamente começaram a vida sexual. A gente tinha 15, 14 na época e hoje troca experiências com amigas dando dicas do que a gente já sabe, vai absorvendo”.

Mulher jovem, classe C/D, negra

A família, muitas vezes, é uma referência para o diálogo. Em muitos casos a mãe orienta a jovem, porém muitas garotas se sentem mais confortáveis em compartilhar idéias e dúvidas com as amigas. Por que existe essa diferença?

“Com minha mãe sempre conversava com ela, até antes da 1ª vez. Meu pai já me levou no médico, ele não entra, fica morrendo de curiosidade mas não pergunta. Minha mãe já pergunta tudo na frente dela, não tem muito problema”.

Mulher jovem, classe C/D, branca

Em nossa sociedade ainda persiste o temor de falar sobre a sexualidade, há muitos preconceitos e receios. Quebrar o silêncio não é fácil, no entanto muitas famílias conversam e compartilham informações e idéias:

“Minha mãe fala sobre isso direto, minha mãe conversa: usa camisinha, toma cuidado para não pegar filho, doença, porque sua mãe não vai pagar pensão.”

Homem jovem, classe C/D, branco

Como sabemos, a família é o primeiro grupo social de qual formamos parte. Ela é responsável pelo cuidado e desenvolvimento das crianças, adolescentes e jovens. Dentro da família, as pessoas cuidam uma das outras de diferentes formas, e todos os membros contribuem para o fortalecimento das relações e, de certo modo, contribuem para a consolidação de um espaço de proteção.



O desenvolvimento de ações de informação, comunicação e educação em sexualidade que atinjam jovens e adultos nas famílias, nas escolas, nos espaços religiosos, associações comunitárias, entre outros, é essencial.

Construir um ambiente favorável ao cuidado, promoção da saúde, autonomia, à igualdade entre homens e mulheres e ampliação do repertório de direitos, incluindo os direitos sexuais e os direitos reprodutivos, é o que precisamos.

Muitas vezes não temos intimidade suficiente para conversar abertamente; os familiares sabem que a ou o jovem já iniciou sua vida sexual, mas não dizem isso claramente:

“Se eu conversasse com a minha mãe... essa pílula do dia seguinte, nem sabia disso daí... pra mim era só camisinha... se eu tivesse diálogo com a minha mãe, ela poderia falar isso para mim. Eu nem tchum...”

Homem jovem, classe C/D, Negro

“Antes da 1ª vez eu conversei com minha mãe, marquei, fui falar com ela, com um pouco de vergonha mas fui. Perguntei se podia receitar

remédio porque eu ia usar camisinha mas o remédio para prevenir caso a camisinha estoure. Ela me deu um sermão tão grande.”

Mulher jovem, classe C/D, branca

SE LIGA!

Em termos gerais, quando o assunto é iniciação sexual, a família diferencia a abordagem do tema entre garotas e garotos. Muitas vezes, as famílias prestam maior atenção nas jovens, como se os garotos não demandassem o mesmo apoio e cuidado.

A mudança desse cenário também depende de nós.

Temendo uma gravidez indesejada geralmente as atenções caem prioritariamente sobre as meninas e os garotos acabam tendo atitudes nem sempre legais.

“Não tenho nem coragem de chegar no meu pai, minha mãe tipo falava meu bebê, nunca cheguei na minha mãe. Tanto que quando fiquei menstruada a 1ª vez eu tinha 12 anos e não sabia como falar para ela. Quando eu falei para ela, ‘ah, que bonitinho’. Fiquei morrendo de vergonha, nunca tive coragem de chegar para ela e mãe, estou tendo relação e tal. Ela acabou descobrindo porque viu que eu estava namorando há muito tempo e tal. Ela perguntou e eu falei que sim, ‘meu Deus, tão nova e não sei o que’. Mas não ficou com raiva de mim, tão novinha, para ir no médico e tão nova. Nunca foi de estar pesando e tal. Meu pai eu sei que ele sabe porque minha mãe deve ter falado mas nem comenta”.

Mulher jovem, classe C/D, branca

Se a mãe, o pai, ou a pessoa do ciclo familiar não conseguem falar abertamente, por que não podemos propor um jogo de “Como dialogar com a sua mãe ou seu pai, ou ambos, sem conflitos”?

É interessante observar que muitas vezes conversando a gente pode mudar atitudes e comportamentos.

Sabemos que as mudanças não vão acontecer de uma hora para outra, elas levam certo tempo, e os novos hábitos também têm um tempo para ser incorporados ao cotidiano. Podemos praticar o diálogo por meio de comentários sobre uma cena que vimos numa novela ou uma reportagem a respeito de gravidez na adolescência, uso da camisinha, iniciação sexual, virgindade, etc.

Afinal, conversando a gente se entende! O diálogo sobre sexualidade deve ser visto como algo comum, tão comum como escovar os dentes, tomar banho, ir ao médico, comentar o noticiário, futebol ou novela. Afinal, tudo isso é cotidiano, corriqueiro e parte fundamental da vida humana.

4.2 Dialogando com o seu parceiro ou parceira

“Ela fala, ‘vê se não esconde nada de mim porque sou sua melhor amiga. Você tem que contar tudo para mim porque assim vou poder te ajudar’”.

Mulher jovem, classe C/D, negra

“Meu marido fala que ‘se precisar você pode falar para mim’. Se for no ginecologista vai comigo, no médico vai comigo”.

Mulher jovem, classe C/D, negra

O diálogo, como citado na fala acima, é muito importante para construirmos relações de companheirismo e afeto com as ou os nossos parceiros. Não trocamos apenas carinho, amor e prazer, também compartilhamos responsabilidades e cuidado, assim podemos nos apoiar; isso facilita que expressemos nossos sentimentos, expectativas, receios e contribui para o fortalecimento da relação e para que a vivência da sexualidade seja melhor aproveitada.

A intimidade pode nos ajudar na troca de carinhos, informações e desejos; quando nos sentimos apoiados e confortáveis podemos experimentar outras coisas, sem tantas dúvidas:

“Na relação eu gosto que faz isso, aquilo. Daí eu sei do que ele gosta, é uma troca, ele excita você e você excita ele”

Mulher jovem, classe C/D, negra

“Bom, a ex namorada minha eu até ia com ela no médico constantemente e não tinha problema, o médico falou que toma isso, tinha um acompanhamento. Eu acho que é menos prejudicial, você tem que ter aquele companheirismo”.

Homem jovem, classe C/D, branco

4.3 Dialogando nos serviços de saúde

Você sabia que as e os jovens podem consultar médicos e outros profissionais de saúde para expor as suas dúvidas e anseios, e que têm direito de ser atendidos e atendidas adequadamente, sem preconceitos e julgamentos? Você sabia que tanto adolescentes quanto jovens têm direito a ser atendidas e atendidos nos serviços de saúde sem contar com a presença de pai, mãe ou responsáveis?

Mas o que ocorre é que nem sempre os direitos de adolescentes e jovens são respeitados nos serviços de saúde. As e os profissionais nem sempre reconhecem que são titulares de deveres para conosco, nem sempre nos deixam confortáveis para perguntar, tirar dúvidas, nem sempre nos garantem acesso à informação e às ações, sobretudo no campo da saúde sexual e reprodutiva.

“Ela falou que eu era muito nova, que não sei o que, para aproveitar minha vida. Resumindo, eu saí de lá sem explicação nenhuma, só com sermão. Daí fiquei revoltada e não vou mais no médico para tomar sermão. Daí comecei tomar remédio por conta e comecei a engordar demais, virei uma bola. Daí parei de tomar o remédio e aconteceu que a camisinha estourou e fiquei grávida. Daí depois que tive meu filho, fiz acompanhamento do pré natal só que o posto de saúde é muito precário para conversar com médico porque ele nunca tem tempo de conversar com você, é muita gente para atender e pouco tempo para conversar. Ele ia lá medir minha pressão, peso e batimento do bebê, não dava para conversar praticamente nada. Era uma salinha de espera enorme, um monte de mulher grávida e você fica até meio que constrangida de ficar demorando muito porque sabe que”.

Mulher jovem, classe C/D, branca



Eduardo Tavares

Ainda que a sexualidade seja um tabu dentro e fora da família, nós também podemos seguir buscando um ambiente mais favorável. Temos que converter esse tema em algo corriqueiro, inclusive no serviço de saúde. É seu direito ter acesso ao serviço mais próximo de sua casa, de seu trabalho e lá solicitar e receber orientação e aconselhamentos. Se você ainda não o fez, vale a pena tentar. Vá ao serviço, pergunte sobre os programas e ações educativas voltadas para a saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens. Essa orientação normalmente é chamada de Planejamento Familiar e, em muitos casos, os e as profissionais devem estar sensibilizados para acolher a população jovem, ou pelo menos deveriam. E outra informação importante: nos serviços de saúde há distribuição gratuita de camisinha e contraceptivos. Não deixe suas dúvidas guardadas dentro da carteira ou da bolsa!

O diálogo com o e a profissional de saúde é muito importante. Os serviços devem nos oferecer informação, educação e insumos. Preservativos e outros contraceptivos devem ser distribuídos gratuitamente. Se o diálogo não for possível, se acreditar que teve seus direitos violados, que foi tratada ou tratado de forma discriminatória ou preconceituosa, entre em contato com a ouvidoria, siga em defesa de seus direitos.

As ouvidorias existem em setores públicos e privados e estão abertas para acolher reivindicações e denúncias, oferecer informações e orientações sobre os seus direitos. Quem quiser pode também usar a ouvidoria para acompanhar, avaliar e fiscalizar os serviços prestados.

O telefone da ouvidoria do SUS é 0800 61 1997. A ligação é gratuita.

4.4 Dialogando sobre sexualidade na escola

“Na minha sala era diferente. Eu tive um professor que levou camisinha feminina, masculina e um pepino e ensinou colocar. Os meninos riam tanto. Quando a gente fala em sexo tem pessoas que não levam muito a sério. Então meu professor ensinou colocar a camisinha no pepino, como eles riam. Então na aula não dava para saber porque a maioria da sala dava risada”.

Mulher jovem, classe C/D, branca

Como já comentamos anteriormente, em nossa sociedade falar abertamente de sexualidade é algo difícil. É como se houvesse *uma pedra no meio do caminho*. Na escola podemos colocar essa pedra no lixo. Você não acha?

Passamos muito tempo da nossa vida dentro da escola, por isso consideramos o espaço escolar um nicho prioritário para a educação em sexualidade. Você já conversou sobre prevenção de DST, sexualidade, decisões reprodutivas e gravidez na sua escola? Essas conversas foram facilitadas por professoras e professores, profissionais de saúde ou outras pessoas?

Quando a escola se converte num espaço de superação de preconceitos e tabus, as pedras vão sendo retiradas do caminho. A escola precisa ser um espaço aberto à promoção dos direitos de todas as pessoas, um espaço onde são enfrentados novos e antigos desafios. Por exemplo: às vezes, mães, pais ou responsáveis não estão de acordo com a discussão desses temas na escola. A família não quer falar sobre o tema, mas também não permite que ninguém fale. Ainda que o objetivo seja o de proteger – muitos acham que falar de sexualidade, promover o direito de acesso ao preservativo é dar estímulos para que ocorra o sexo. A questão é: como educar para

o exercício da sexualidade livre, voluntária, segura e responsável sem que haja diálogo, sem que se fale sobre isso? Impossível...

“Desde os 11 anos na escola começaram a, tanto que quando fiquei menstruada meu pai me chamou e eu com vergonha, ele me chamou para falar que eu tinha virado mulher com 11 anos. Ele falou que ‘você vai ter que usar camisinha senão vai engravidar’. Eu não via a hora de acabar aquela conversa. ‘Eu já sabia disso’. ‘Aonde você aprendeu?’ ‘Na escola’. ‘A escola está ensinando?’ ‘Está, posso ir embora?’. Não agüentava mais. Na escola desde a 5ª série, ciências. Comigo foi com 11, teve casos que ouvi falar que tiveram aulas e os pais brigaram”

Mulher jovem, classe C/D, negra

Vale destacar que a escola também é responsável por informar, ampliar e aprimorar os conhecimentos sobre sexualidade e as habilidades para a vida. Dessa forma jovens, familiares, professores e professoras, diretoras e diretores das escolas e outros profissionais que atuam no setor educação devem entender o que é esse compromisso e a importância de formar cidadãos e cidadãs mais fortalecidos e instrumentalizados a enfrentar os desafios da vida em sociedade.

“Eu acho que educação sexual na escola tinha que ser matéria obrigatória. Talvez com criança de 12, 13 anos, os índices de gravidez e doença seria diferente. Igual por exemplo em posto, escolas, creches, para comunidades seria interessante”.

Mulher jovem, classe C/D, negra

“Às vezes na aula de biologia a gente pergunta como é isso e isso, ele vai e explica. A professora faz tanta pergunta para ele que eu não tenho coragem”.

Mulher jovem, classe C/D, branca

Na ausência da orientação no espaço escolar, os jovens e as jovens recorrem ao que está disponível. Os homens jovens nos disseram que obtêm informações sobre sexualidade na "internet"; "rua"; "televisão"; "boca - a - boca". Mas quem garante as informações corretas? Você garante?

Você sabia que a escola é uma das instituições sociais importantes na formação da sexualidade? A depender da dinâmica utilizada para trabalhar o tema, poderá despertar maior interesse dos alunos e das alunas. Em algumas escolas também há espaços de prevenção onde são distribuídos preservativos e os materiais informativos, onde são disseminadas várias informações sobre os direitos sexuais e direitos reprodutivos. Essas práticas ocorrem em escolas onde os direitos são priorizados, onde a orientação é para a emancipação e não para a regulação dos sujeitos. Precisamos garantir que mais escolas adotem práticas como estas. Você também pode estimular sua escola a adotar práticas assim. Converse com outras alunas e alunos, com professoras e professores e também com a diretora ou diretor. Às vezes uma boa conversa pode mobilizar outras pessoas interessadas. Alguém precisa começar!

"Na escola que eu estudava davam até revistinha para as meninas e espelhinho caso quisesse se olhar e era bom".

Mulher jovem, classe C/D, negra

"Os professores da faculdade falam em dar, trepar, gente, não fica dando muito não. Eles usam linguagem da gente. Quando o professor fala dar, trepar, todo mundo ri e dá mais atenção para ele do que ele falar, relação sexual é um termo super sério. Não chama atenção. Ele fala de maneira dinâmica. Eu por exemplo tenho aula de psicologia que a professora dá sexuali-

dade. Era de maneira tão formal que todo mundo estava dormindo na aula. Esse outro não, já fala tudo, sexo anal entre homens, ele fala".

Mulher jovem, classe C/D, negra

"Os meninos tem vergonha de falar, a pessoa pegava grupo das meninas e levava para outra sala, conversava com a gente e voltava, levava os meninos tudo separadinho e a gente ficava mais a vontade. Minhas dúvidas foram tiradas na sala. Minha mãe falou que antes da 1ª menstruação ela falava".

Mulher jovem, classe C/D, branca

"Na sala o professor é homem e fica mais com vergonha de perguntar, o professor já fala rindo, parece que está vendo a coisa acontecer, ele fica rindo e eu fico morta de vergonha".

Mulher jovem, classe C/D, branca

embro
dial de
a a AIDS



so de Todos

o próximo de sua casa para
estagem e prevenção.

PREFEITURA BH

DEL LUBRIFICANTE
a AIDS

Solange Souza

embro
dial de
a a AIDS



5. Cuidados com a saúde e o receio de fazer teste anti-HIV

Eu fiz, e agora? Por que pensei em fazer o teste? Como foi fazer o teste?

“Todo mundo tem receio, eu tenho um pouco de receio. Já pensou sair com namorado mesmo, antes de mim não sei que banda ele tocava. Já pensei várias vezes. Minha faculdade tem projeto de doar sangue e fazem todos os exames e mandam para sua casa. Já pensou chegar na sua casa com HIV. Não sei se todo mundo pensa assim”.

Mulher jovem, classe C/D, negra

Ter medo de fazer o teste anti-HIV é normal, todos e todas nós ficamos nervosos, sobretudo se identificamos situações de risco que tenhamos vivido. Sexo desprotegido pode ser uma opção, mas é preciso adotar essa prática depois que ambos tenhamos feito o teste anti-HIV e se o ‘contrato’ de fidelidade for estabelecido e respeitado. Esse ‘contrato’ de fidelidade não significa necessariamente exclusividade, significa que, em havendo outra pessoa, tanto você quanto ele ou ela vão usar preservativo.

De qualquer modo, o diálogo com a parceira e com o parceiro, o respeito e a busca de informações e aconselhamento para aprimorar as habilidades de praticar sexo seguro são essenciais.

POR QUE FAZER O TESTE?

O teste anti-HIV é rápido, é gratuito. O resultado é sigiloso e, além de tudo, é seu direito. Fique sabendo.

Se você passou por uma situação de risco, procure um serviço de saúde.

O HIV PODE SER TRANSMITIDO ...

- Em relações sexuais desprotegidas (sem o uso da camisinha)
- Pelo compartilhamento de agulhas e seringas contaminadas
- Da mãe para o bebê, no momento do parto ou durante a amamentação

O HIV não é transmitido pelo beijo, toque, abraço, aperto de mão, compartilhamento de toalhas, talheres, pratos, suor ou lágrimas.

“Antigamente eu era muito zoeiro demais. Eu pegava ‘as mina’ e não usava camisinha não. Depois de um tempo para cá eu comecei ter uma cabeça e comecei a, se pegar uma doença, me prevenir, ir no médico fazer exame para ver se não tem HIV, usar camisinha, de se prevenir porque antigamente não tinha essa cabeça não”.

Homem jovem, classe C/D, branco

O teste anti-HIV não deve ser feito de forma indiscriminada e a todo o momento. O aconselhável é, caso você tenha passado por uma situação de risco, como ter feito sexo desprotegido, fazer o exame. Após a infecção pelo HIV, o sistema imunológico demora cerca de um mês para produzir anticorpos em quantidade suficiente para serem detectados pelo teste. Por conta disso, é melhor fazer o exame após esse período.

Antes de serem testadas e ao receber o resultado, as pessoas passam por um processo de aconselhamento, feito de forma cuidadosa, com o objetivo de facilitar a interpretação do resultado e de orientar sobre a adoção de práticas de sexo seguro e/ou estratégias de redução de danos no uso de drogas, independente do diagnóstico e, no caso de infecção, de orientar sobre a importância do acompanhamento em serviço especializado e adesão ao tratamento.

ONDE FAZER O TESTE?

Os testes para diagnosticar a infecção pelo HIV são realizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) sigilosa e gratuitamente, nos Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA), que são unidades da rede pública. Os laboratórios da rede particular também realizam.

O diagnóstico precoce da infecção pelo HIV vai permitir que você comece o tratamento no momento certo e que tenha uma melhor qualidade de vida.

Como descrito no artigo X da **Declaração dos Direitos Fundamentais da Pessoa Portadora do Vírus da Aids (1989)** ‘toda pessoa com HIV e Aids tem direito à continuação de sua vida civil, profissional, sexual e afetiva. Nenhuma ação poderá restringir seus direitos completos à cidadania.’

Você sabia que a infecção pelo HIV tem atingido muitas mulheres jovens e que essa situação é derivada das relações desiguais de gênero, das dificuldades em negociar o uso do preservativo e do não reconhecimento dos direitos das mulheres como direitos humanos?

Dados do Ministério da Saúde mostram que, na faixa etária de 13 a 19 anos, a maior parte dos casos registrados de aids está entre as mulheres. Na faixa dos 20 a 24 anos, o número de casos entre homens e mulheres é igual.

Vale ressaltar que, enquanto as mulheres são infectadas em relações heterossexuais, os homens se infectam, prioritariamente, em relações homossexuais.

O uso da camisinha masculina ou feminina é o meio mais seguro para que você exerça seus direitos sexuais com liberdade. Ainda que você viva com HIV/Aids, a camisinha vai proteger a você e ao seu parceiro ou parceira de re-infecções.

É importante saber que vários lugares disponibilizam o preservativo gratuitamente (unidades de saúde, algumas escolas e organizações da sociedade civil). Mas também há vários pontos de venda:

“A maioria dos motéis já tem camisinha pra vender. Também tem nas drogarias, inclusive naquelas que funcionam 24 horas”

Homem jovem, classe B, branco

Fique Sabendo

FAÇA O TESTE DE AIDS

10 de dezembro
Dia Mundial de Luta contra a AIDS



Um Compromisso de

5ª Caminhada

34 de Mãos Dadas Contra a AIDS

Das 10 de novembro
à noite de 10 de dezembro
Bairro: Vila da Misericórdia
Inscrições: 3073 7722 ou nos pontos
de distribuição de brindes

Assine no verso de cada uma próximo
à inscrição e entregue às seguintes endereços e horários

22



VISTA-SE
USE SEMPRE CAMISINHA

Um Compromisso de
Assine no centro de
informações a respeito das



SUS

6. Como saber se a pessoa com quem você se relaciona adota práticas preventivas?

“No meu caso o meu (parceiro) se preocupou bastante com isso, mas minhas amigas não tiveram a mesma sorte. Tem cara que além de não se prevenir, sai com um monte e traz para dentro de casa. É o caso de casamentos que a mulher pega aids do nada, sem saber por que. O parceiro vai para rua, faz o que tem que fazer, volta e traz coisas ruins para ela”. “O ruim é que a gente nunca está prevenida, meu namorado é fiel, nunca vai imaginar que está te traindo. Daí de bobeira você...”

Mulher jovem, classe C/D, branca

As mulheres jovens relataram muita vergonha em solicitar a camisinha na unidade de saúde e também em dialogar sobre o uso com seus parceiros/namorados.

“Foi eu e uma amiga pegar (camisinha). Eu não pego agora, ele que tem um monte, não pego mais não, tenho maior vergonha”.

Mulher jovem, classe C/D, branca

Vencer a vergonha e encarar o exercício da sexualidade como uma prática de liberdade e autonomia, como uma interação social responsável, livre de preconceitos, e que traz prazer - isso também é parte de nossos direitos!

Prevenção, diálogo, cuidado e respeito. Essas devem ser nossas palavras de ordem.

SE LIGA!

De acordo com os dados oficiais mais recentes, nós jovens representamos 1/3 da população brasileira, logo somos atores importantes para a promoção do desenvolvimento do nosso país, seja em termos sociais, políticos, econômicos, culturais, ambientais ou culturais.

Nós temos o direito ao pleno exercício de nossas potencialidades, liberdades fundamentais e de nossa autonomia. Temos direito a sermos respeitados, simplesmente em função de nossa qualidade de ser humano. Para que tenhamos dignidade é preciso que todos os nossos direitos sejam reconhecidos, protegidos, promovidos e efetivados. Isso significa que devemos ter atendido o nosso melhor interesse, assegurando absoluta prioridade e direitos próprios à nossa condição peculiar de pessoa em desenvolvimento (Pereira, 2000).



Referências Bibliográficas

Grupo CORSA. ECOS. **Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho**. São Paulo: CORSA/ECOS, 2008

UNFPA Fundo de População das Nações Unidas e Instituto Papai. **Homens também cuidam! Diálogos sobre direitos, saúde sexual e reprodutiva, paternidade e relações de cuidado**. UNFPA: Brasília, 2007.

Las Dignas. **Aprendiendo para cambiar – curso de sexualidade y Adolescencia para Jóvenes**, 2004.

Brasil. Ministério da Saúde
<http://portal.saude.gov.br/portal/saude/default.cfm>

Pereira, E. D. **Relatório da análise da pesquisa “Mulheres e Homens jovens dialogando sobre Co-responsabilidade”**. São Paulo, 2009 (mimeo)

Pereira, T.S. O “melhor interesse da criança”. In: Pereira, T.S. (org). **O Melhor Interesse da Criança: um debate interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Renovar, 2000.

Perfil Urbano. **Texto do resumo da pesquisa “Mulheres e Homens jovens dialogando sobre Co-responsabilidade”**. São Paulo, 2008 (mimeo)

Brasil. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. **II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília, 2008.

Este material é produto da parceria entre a Associação Frida Kahlo, Jovens Feministas de São Paulo e o UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas, e visa estimular e apoiar as discussões entre jovens sobre sexualidade e co-responsabilidades no exercício dos direitos sexuais e reprodutivos. A publicação traz um resumo dos resultados da pesquisa intitulada "Mulheres e Homens Jovens Dialogando sobre Co-responsabilidade", realizada em 2008 em São Paulo.



www.unfpa.org.br

afrikaorg.blogspot.com



ISBN 978-85-98579-09-2



9 788598 579092